

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES/AS SOBRE SABERES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR.¹

Jucinéia Ferreira Pereira Paz

Licenciada em Pedagogia
Sec. Municipal de Educação - Governador Mangabeira/BA

Roberto Carlos Oliveira dos Santos

Mestre em Educação e Contemporaneidade
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano

Resumo

A pesquisa é de natureza qualitativa e tem por objetivo apreender as representações sociais dos/as professores/as sobre os saberes docentes para a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os sujeitos investigados foram 04 (quatro) professoras que atuam na Educação Básica da Rede Pública na cidade de Governador Mangabeira, Bahia. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: entrevista semiestruturada e a elaboração de histórias. Para o exame dos dados, foi utilizada a análise do discurso de vertente francesa (ADF) buscando-se identificar os sentidos que os sujeitos da pesquisa atribuem ao objeto estudado e como estes sentidos os mobilizam em suas ações, considerando os processos geradores da representação social. Os resultados obtidos com esta pesquisa apontam diversas barreiras encontradas no processo de alfabetização, tornando, assim, um processo complexo permeado por desafios que somente a formação do professor não é capaz de superar.

Palavras-Chave: Saberes Docentes. Alfabetização. Representações Sociais

Introdução

Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes. (Paulo Freire)

No processo da aprendizagem escolar, atuar na alfabetização de crianças é uma etapa decisiva, considerando que se constitui como alicerce da educação formal sobre o qual toda a escolaridade se fundamenta. Nesta perspectiva, alfabetizar bem e a todos é um processo complexo, um grande desa-

¹ Este texto originou-se de monografia de Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), modalidade PARFOR.

fio da educação na contemporaneidade, considerando que este processo tem sido alvo de discussão e críticas nos meios acadêmicos e escolares.

Assim, para responder aos questionamentos verificados nas observações empíricas no cotidiano da sala de aula, foi delimitado como objetivo geral nessa pesquisa: Apreender as representações sociais dos/as professores/as sobre os saberes docentes para a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Fundamentação Teórica

As transformações rápidas pelas quais a sociedade vem passando, coloca o professor num lugar de contradição, decorrente do confronto entre as práticas pedagógicas atuais e o que se considera ideal.

De acordo com Tardif (2002) “os professores de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas escolares”. Sendo assim, os mesmos precisam ser considerados como sujeitos do conhecimento, havendo à necessidade de valorizar tanto a formação quanto as experiências vivenciadas no exercício da profissão.

A considerar a inexistência de uma relação entre a formação e a prática docente, então que outro mundo é esse que não se aproxima da realidade, enquanto o outro vai se construindo, aleatoriamente, meio aos labirintos dos afetos, sonhos, desejos e necessidades que se apresentam no contexto de cada escola?

Na alfabetização o professor tem o papel importante na criação de possibilidades que leva à formação de sujeitos críticos, capazes de exercerem de forma plena a sua cidadania. O professor como sujeito do conhecimento e não apenas como alguém que o reproduz, pode fazer do seu trabalho em sala de aula um espaço de transformação através de uma reflexão crítica advinda não apenas deste conhecimento, mas, ancorada também na experiência.

Pimenta (2006) define que os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediada pela de outrem seus colegas de trabalho.

Na perspectiva apontada pelo autor fica evidente que na alfabetização mais do que em outra etapa de escolarização o professor assume um papel fundamental; as novas demandas sociais e educacionais levam-nos a compreensão de que não há a possibilidade de acompanhar a evolução e os anseios atuais sem uma formação adequada e continuada de professores.

Sem dúvida, a formação do educador e a qualidade da educação estão intrinsecamente implicadas, o que suscita a minha inquietação: qual é o sentido que os professores atribuem ao trabalho docente? Qual é concepção de trabalho docente do professor? Será que essa concepção se constrói a partir da cultura desses sujeitos sociais que, ao optarem por sua profissão de professor, traz sua história de vida, concepção política e social e uma representação da educação pública para sala de aula?

Tais questionamentos trazem a tona às representações sociais enquanto conhecimento construído socialmente, que determina a forma como os sujeitos enxergam e reagem frente à realidade. As Representações Sociais vem a ser uma abordagem que ao longo desses 50 anos, coloca-se no centro de um debate interdisciplinar, na medida em que tenta nomear, construir sentidos, desvelando as relações entre o simbólico e a realidade social sem perder de vista o seu enlace com as questões presentes no cotidiano.

Sendo assim, pode-se pensar no que propõem os estudiosos desse campo do conhecimento quando afirmam que a representação social é como o conhecimento do senso comum contemporâneo e é formado em função das relações cotidianas do sujeito, influenciadas pelas condições econômicas, políticas, culturais e sociais.

Uma das características da teoria da representação social é que ela tem potencial transformador, na medida em que um sujeito pode, ao representar um objeto, construir e reconstruir a realidade em que vive, assim como, se constituir nela.

Sobre o potencial da teoria, a fala de Moscovici é esclarecedora:

[...] As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e explicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que tem como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de uma forma significativa. (MOSCOVICI, 2003)

Percurso metodológico

Os sujeitos investigados foram 04 (quatro) professoras que atuam na Educação Básica da rede pública da cidade de Governador Mangabeira, Bahia. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram entrevistas semiestruturada e elaboração de histórias. Para o exame dos dados foi utilizada a análise do discurso de vertente francesa (ADF), por compreender que essa abordagem permite a atualização de elementos manifestos e latentes que não devem ser perdidos ou mascarados na produção discursiva.

Resultados e discussões

A maioria dos professores afirma a tarefa de alfabetizar se tornou com o passar do tempo mais difícil por diversos motivos que interferem no processo de aprendizagem das crianças.

[...] Há alguns anos atrás, agente tinha facilidade de trabalhar com os alunos, eles tinham mais concentração, respeitava mais o professor, eles tinham mais interesse. (SF1).

[...] Tive boas experiências, consegui trabalhar com alunos com muita dificuldade e ao final do ano me senti realizada, o que não estou conseguindo agora. (SF2).

As representações dos professores alfabetizadores sobre ensino e aprendizagem são marcadas por teorias construídas a partir de suas experiências pessoais na sala de aula. Contudo, é preciso uma mudança de atitude que permita uma reflexão constante das experiências vivenciadas, pois estamos diante de um novo tempo, complexo nas dimensões de ensinar e aprender.

[...]. O tempo está mudando e os alunos estão mudando junto. (SF1).

[...] Nós temos uma diversidade de alunos, temos que estar preparados para saber lidar com cada um porque cada um tem uma necessidade diferente e que espera em você ter aquela necessidade suprida. (SF3).

A situação verificada sobre o ambiente alfabetizador reforça a representação social de que as escolas públicas brasileiras, principalmente às situadas no campo, estão distantes de produzir o sucesso escolar. As condições de trabalho das professoras são inadequadas e o ambiente no qual a escola está instalada se configura como um grande desafio a ser superado. Vejamos o que elas disseram:

[...] O espaço não favorece o nosso trabalho. (SF3).

[...] O ambiente que eu estou trabalhando é muito difícil. A escola está dividida por maderite, são três salas com essa divisão. (SF2).

[...] Eu estou num espaço muito fora da realidade das crianças. A gente está num galpão dividido por maderite e é um barulho que a gente não consegue dar aula, eu estou sentindo muita dificuldade. (SF1).

A falta de participação dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos foi apontada, por todas as entrevistadas, como uma das barreiras no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

[...] Eu estou sentindo bastante dificuldade por falta do apoio dos pais. A maioria deixa os filhos na responsabilidade da direção escolar e da professora, (SF1).

[...] Eu era muito parceira dos pais, o que não estou conseguindo agora. Tem pais que se preocupam com os filhos e tem pais que não estão nem aí. (SF2).

[...] Não vejo pais preocupados com a aprendizagem dos filhos e isso prejudica porque os alunos que têm acompanhamento dos pais são diferentes dos que não têm. (SF4).

Na representação construída pelas professoras sobre a família consideram ser esta uma instituição que demonstra não ter consciência de sua importância junto a escola ao abrir mão de seus deveres. A esse respeito, Vasconcellos (2000) pontua que “de fato, percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola”.

Ao serem questionadas sobre a metodologia utilizada para a aprendizagem dos alunos, as professoras entrevistadas, mesmo afirmando usar outros métodos, evidenciam uma grande credibilidade em relação aos métodos tradicionais. Soares (2004) afirma que as discussões sobre método de alfabetização é sempre uma questão polêmica e difícil. Sobre essa questão, as professoras afirmam,

[...] Temos que usar várias estratégias para ver se a gente consegue. Um pouquinho aqui, um pouquinho ali. Eu trabalho muito com desenhos, histórias, músicas, dança e poesia. (SF1)

[...] Acho que no tradicional seria melhor, mas é preciso inovar. (SF4).

[...] Eu estou catando um pouquinho de tudo para alcançar os objetivos. Costumo usar materiais da internet e jogos de alfabetização. (SF2).

Segundo Charlot (2008), “as professoras brasileiras como a maioria dos decentes, no mundo inteiro, são basicamente tradicionais.” Entretanto essas professoras sentem-se obrigadas a dizer que são construtivistas.

Essa é também a visão de Ferreiro (2007) quando evidencia que o ensino da leitura e da escrita continua apegado às práticas da escola tradicional mesmo quando se propaga que a criança aprende através do raciocínio e da criatividade.

A inquietação das professoras também é evidenciada no tocante a falta de autonomia necessária às decisões do trabalho docente.

[...] A coordenadora chega como se fosse dona do saber. Eu preparei um auto ditado e ela disse que não iria imprimir porque isso não levaria o aluno a lugar nenhum. (SF2).

[...] O nosso saber não é valorizado porque quando trazem as coisas prontas para a gente aplicar é o mesmo que dizer: você não é capaz. (SF3).

Nas falas destes sujeitos fica claro que o termo autonomia não se aplica na realidade escolar pesquisada, sendo apontada como justificativa a hierarquia de poder que perpassa as questões educacionais.

Para Nóvoa (2002), “o momento em que o professor julga e decide a partir da análise de uma situação singular e com base nas suas convicções pessoais e nas suas discussões com os colegas, transforma-se assim numa dimensão central do processo identitário”.

De acordo com as representações das professoras, a formação é fundamental para que haja uma mudança didático-pedagógica, pertinente ao seu fazer cotidiano.

[...] A graduação não prepara para a realidade. Os professores não têm consciência do que a gente passa. Eles não sabem da realidade do quadro de giz, do mimeógrafo, da falta de merenda e das condições precária do espaço escolar. (SF2).

[...] Fui cheia de expectativa para a formação acadêmica. Pensei: vou aprender coisas novas para saber lidar com as questões peculiares ao dia a dia dos alunos, mas, lá não se trata da realidade dos alunos do campo. (SF3).

O comportamento inadequado e a agressividade dos alunos foram pontuados pelas entrevistadas com muita frequência e destacados como barreiras no processo ensino-aprendizagem. Todavia é importante mudar o foco do discurso para compreender que as condições onde estão ocorrendo as aulas são propícias para isso. Ficar presos como *animais na jaula*, sem as mínimas condições também se configura como violência e agressão a criança que deveria ter garantido o direito a uma educação de qualidade, dentro dos padrões de dignidade humana.

A escola serve tanto para promover quanto para excluir. Nesse contexto, é interessante apresentar a história contada por uma professora.

Um aluno que não queria estudar, ele subiu no tange de água do prédio e disse que ia se jogar de lá para não fazer a atividade. Isso me marcou muito, eu queria deixar de ser professora. Foi no início da minha profissão eu quase enlouqueci, eu tive medo. A pista estava sendo construída e ele disse: se a senhora chamar o meu pai para falar eu me joga na frente do carro e se eu morrer a culpa é sua. A secretária me deixou uma semana em casa para me acalmar, isso marcou muito, no ano seguinte eu não quis trabalhar naquela escola. (SF4).

Tal episódio conflituoso citado o trecho acima mostra um fato preocupante que é a representação social construída por este aluno em relação à escola, que o leva a preferir o suicídio ao invés da escola.

Conclusões

Os dados desta pesquisa reafirmam o distanciamento entre a teoria e a prática nos cursos de formação de professores. Uma formação de docentes precisa se nutrir de pesquisa, reflexão onde há sempre lugar para a criatividade e imaginação, que torna o docente autônomo e autor da sua prática. Pois, sem a reflexão da prática docente é impossível olhar o passado, pensar o presente e ressignificar o futuro.

No que concerne aos saberes docentes, construídos mediante a prática diária em sala de aula, precisam ser valorizados como ponto de partida para uma formação que resulte na criação de estratégias que facilitem a alfabetização escolar deixando de lado a improvisação metodológica.

Dentro da complexidade que envolve o processo de ensinar e aprender, o professor precisa estar disposto a enfrentar desafios e acreditar que sua prática pode fazer a diferença. Contudo, é válido lembrar que somente a formação não é suficiente para garantir a aprendizagem das crianças.

Uma formação de docentes precisa se nutrir de pesquisa, reflexão onde há sempre lugar para a criatividade e imaginação, que torna o docente autônomo e autor da sua prática. Pois, sem a reflexão da prática docente é impossível olhar o passado, pensar o presente e ressignificar o futuro.

O comportamento inadequado e a agressividade dos alunos foram pontuados pelas entrevistadas com muita frequência e destacados como barreiras no processo ensino-aprendizagem. Todavia é importante mudar o foco do discurso para compreender que as condições onde estão ocorrendo as aulas são muitas vezes impróprias para isso. Ficar presos como *animais na jaula*, sem as mínimas condições estruturais também se configura como violência e agressão à criança que deveria ter garantido o direito a uma educação de qualidade, dentro dos padrões de dignidade humana.

No desempenho do seu ofício, os/as professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental, muitas vezes, tem vivido momentos de incertezas, o que os/as leva a questionar a origem das dificuldades enfrentadas para alfabetizar, ora culpabilizando o aluno, ora se culpabilizando. Diante disso, faz-se necessário traçar estratégias para propiciar a aprendizagem e compreender o que o professor precisa saber não para ensinar mas para fazer com que o aluno consiga aprender, uma vez que o seu papel não é mais transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção.

Referências

CHARLOT, Bernard. **O Professor na Sociedade Contemporânea: Um Trabalhador da Contradição**. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p.1-14, jul./dez. 2008.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 14 ed.- São Paulo: Cortez, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais, investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: Construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Alfabetização e letramento: Caminhos e Descaminhos**. Porto Alegre, Revista Pátio, nº 29, ano VIII, fev./abr. 2004

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina. Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula na escola**. 11 ed. São Paulo: Libertade, 2000.